

### O Ramalhete

Assisti à minissérie *Os Maias*, baseada na monumental obra de Eça de Queiroz. Conservando o mesmo nome e adaptada por Maria Adelaide Amaral, deu origem à uma belíssima produção da rede Globo. Seguramente, é um trabalho de primeira qualidade, tanto que vem arrebatando prêmios internacionais. É impressionante como a autora da adaptação conseguiu captar o *ar do tempo* de Eça, o ritmo da vida portuguesa do século XIX, a delicadeza ao cortejar uma mulher e a rigidez dos costumes. O choque entre as correntes literárias, Realismo versus Romantismo, permeia toda história, nos brilhantes embates entre o poeta romântico Alencar e o sarcástico João da Ega, voz crítica e carregada da ironia fina do autor.

Os conflitos entre o velho Afonso da Maia e seu filho Pedro da Maia estendem-se ao longo dos anos, criando abismos nas relações familiares e sofrimentos de parte a parte. O pai é um homem inteligente, de idéias arejadas, mas, no seu íntimo, está preso à tradição e ao conservadorismo que impedem o desenvolvimento do país. Há uma crítica constante à importação de idéias e costumes. No entanto, nenhuma das influências externas consegue alterar a estrutura provinciana da sociedade portuguesa. Nas falas dos personagens podemos reconhecer muitos traços que herdamos dos nossos senhores coloniais, e que estão entre nós até hoje.

Eça de Queiroz compõe, na verdade, a grande tragédia lusa, com todos os elementos que caracterizam a tragédia clássica. Encontramos os personagens heróicos que lutam para construir seu caminho, mas que são impotentes ante a inexorabilidade do Destino, e sucumbem dolorosamente. Todos estão nas mãos do Destino, são *títeres*, como nos diz Afonso da Maia, referindo-se às pessoas que se deixam escravizar pelos sentimentos românticos. O velho Maia não acredita em presságios, mas os sente; não dá crédito à superstições nem ao fado que outros personagens citam. Tenta mostrar que é possível construir caminhos, mas não consegue fugir aos desígnios já traçados. A presença do incesto é outro elemento integrante da tragédia clássica, e Eça criou um personagem que usufrui sua paixão, mesmo depois de estar ciente da transgressão. Maria Eduarda é inocente, mas seu irmão é um pecador, pois conscientemente realiza o incesto, o pecado mais desprezível, desencadeando a morte de seu adorado avô. O

velho Afonso não suporta o peso da culpa e o nojo pela atitude tão repulsiva de seu neto.

Carlos Eduardo é o herói trágico por excelência: é belo, rico, inteligente e fruto de uma origem misteriosa e cheia de sofrimento. É bem intencionado, mas deixa-se levar pelos amores ilícitos que eram a tônica da aristocracia local. Podemos encontrar até a presença de uma profetiza, personagem tão importante nas tragédias, na figura da cigana espanhola Lola. Ao ler a mão do jovem Carlos Eduardo da Maia, é tomada de horror pela infelicidade anunciada.

O final da obra é emblemático do estilo Eça: as vítimas da tragédia beberam o cálice de fel que lhes fora destinado até a última gota, mas o herói chega incólume, sem grandes marcas ou dores, forte e cínico, sem *spleen*, como convém a um personagem realista do grande autor.

As imagens da minissérie são de uma qualidade rara, assim como os figurinos e a ambientação em Portugal. Para situar os acontecimentos, uma gravura ao estilo da época precede a ação, descrevendo o local em que tudo ocorre, revelando-se um recurso de muito bom gosto, assim como as locações externas, explorando lugares históricos, belíssimas paisagens e propriedades requintadas. Há cenas em que temos a impressão de estarmos dentro de um quadro impressionista de Manet, o *Le Déjeuner sur l'Herbe*, como a cena do piquenique com Pedro, Maria e seu pai. Em outras, a sugestão nos remete a Claude Monet, nos passeios pelos parques de Lisboa e quando o foco se dirige para Maria Eduarda, anos mais tarde. Não há como não se emocionar com a delicadeza dessas imagens, aliadas à melodia primorosa do conhecido grupo Madredeus e suas inspiradas canções portuguesas. John Neschling compôs uma trilha sonora à altura, que só contribuiu para o sucesso da minissérie.

Em algumas cenas os diálogos são em inglês e francês, o que explicaria, dentre outros motivos, o pouco sucesso desse brilhante trabalho em nosso país. É uma produção voltada para o público europeu, e para poucos brasileiros que podem apreciar trabalho tão sofisticado, infelizmente.

Destacaria, em especial, as cenas da corte de Pedro da Maia à Maria, a troca de olhares carregada de paixão e do fogo da juventude, a sutileza dos sorrisos confiantes de Maria Spoladore, a Negreira perfeita. O encontro marcado em Cintra é antológico,

quando Pedro aproxima-se de Maria, colado à ruína medieval, saboreando a emoção de saber que ela está colada à outra parede. O ator e o diretor, em perfeita comunhão, transmitiram o vulcão de sentimentos de Pedro, misto de êxtase e alegria, antegozando o prazer que vai sentir ao ver a mulher amada. Outra cena especial é o episódio do baile na corte, em que Maria é escolhida para dançar com o príncipe visitante, e os personagens principais não se expressam por palavras, apenas as imagens falam. Os sentimentos de Pedro revelam-se no olhar cheio de orgulho pela beleza da esposa, e ao mesmo tempo as primeiras dores do ciúme sugeridos sutilmente. Já os movimentos graciosos e precisos da dança de Maria, revelam sua confiança e total domínio da situação.

O neto de Afonso da Maia consegue ser cínico e sedutor, generoso e egoísta. Fábio Assunção desempenha bem seu papel, numa caracterização física que nos remete ao nosso poeta romântico Castro Alves. Terá sido intencional? Não sei, mas posso afirmar a grande semelhança, pois já desenhei o retrato do poeta, e a semelhança é grande, principalmente a expressão do olhar e a cabeça.

Para finalizar, só posso afirmar que é um grande espetáculo, com cerca de 8 horas de duração (4 CDs), que pretendo repetir. Eça inspirou um trabalho belíssimo, que só ele poderia inspirar e encantar os seus admiradores em pleno século XXI. Digo isso, porque só quem é leitor de Eça, pode saborear plenamente a minissérie.

Como diria João da Ega, o velho Eça nada mais fez do que registrar as histórias desta *choldra ignóbil*.

Se o leitor quiser saber por que o título é *O Ramalhete*, sugiro a leitura do velho Eça.

This document was created with Win2PDF available at <http://www.daneprairie.com>.  
The unregistered version of Win2PDF is for evaluation or non-commercial use only.